

Conjunções narrativas na clínica psicanalítica

Maria Cecília Pereira da Silva^[1]

Josimara Magro Fernandez de Souza^[2]

RESUMO: A partir das ideias de Anne Alvarez e das mudanças técnicas que foram se configurando após seus trabalhos, as autoras propõem as *conjunções narrativas* – intervenções que funcionam como “pinceladas” mínimas e importantes, capazes de conjugar elementos soltos e/ou cindidos da sessão de análise, como um recurso técnico na construção de interpretações para pacientes com déficits de desenvolvimento ou em estados emocionais precários. Os estudos de teóricos do desenvolvimento e da psicanálise pavimentaram o caminho para a afirmação da importância da função narrativa na constituição da intersubjetividade e na clínica psicanalítica, especialmente em situações ainda não representadas e de difícil acesso. Três exemplos clínicos são relatados para ilustrar o que aqui se propõe como *conjunções narrativas*.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise de criança, narração, autismo, simbolização, estados arcaicos de mente

1. Psicanalista. Pós-doutora em psicologia clínica. Membro efetivo, analista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e psicanalista de criança e adolescente pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

2. Psicóloga e psicanalista. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e psicanalista de criança e adolescente pela IPA.

Amo a psicanálise, principalmente porque dá resultados. (Alvarez, 2021, p. 11)

Este trabalho nasceu na esteira das ideias de Anne Alvarez sobre as gramáticas (1996) e os níveis da interpretação (2012, 2021); de Stern (1992) sobre o conceito de envelope narrativo; de Golse e Desjardins (2005) sobre narratividade; e de Silva a respeito da construção narrativa (2012) e da função narrativa (2013b, 2016, 2017). Essas ideias vieram ao encontro de nossas indagações sobre a necessidade de ajustarmos a técnica psicanalítica quando atendemos crianças com déficits de desenvolvimento e adultos com funcionamentos mais primitivos ou mesmo com estados autísticos (Tustin, 1990).

Como devemos falar com esses pacientes para que possam compreender as nossas interpretações? No trabalho com crianças autistas ou pacientes com déficits de desenvolvimento, é sempre desafiante encontrar a palavra, o tom ou a frase que melhor promova o avanço do processo analítico, “a atividade mental e a linguagem, a palavra que vai ao encontro ou combina com a vivência e que também amplia um pouco” (Alvarez, 2021, p. 114).

Nesse sentido, com a função narrativa (Silva, 2013b, 2016, 2017), o analista oferece sua prosódia e empresta sua imaginação na busca por construir uma relação intersubjetiva e um brincar compartilhado, especialmente com pacientes do espectro autista. A construção narrativa (Silva, 2012) também se constitui como uma maneira de o analista encontrar, junto com o paciente, um significado de forma dialógica, sem muitas cesuras interpretativas.

Essa capacidade narrativa do analista implica uma qualidade psíquica de elaborar os movimentos dos pacientes e processá-los utilizando os ecos transferenciais e contratransferenciais experienciados no campo psicanalítico (Baranger & Baranger, 1962/2010), trabalhando com os pensamentos oníricos, com imagens visuais, como nos sonhos e nos devaneios. Ao narrar para os pacientes em linguagem lúdica, simples e conectiva o que vai percebendo, o analista amplia a rede associativa, oferece contorno e continência ao mundo mental, assim como a capacidade de pensar os sentimentos, criando espaço para estreitar o brincar, o pensar e o sonhar.

As conjunções narrativas

As conjunções têm a função de ligar palavras, elementos ou orações em um mesmo período, estabelecendo relação de sentido entre eles. (Viana, 2022, parág. 2)

Pensando na importância da função narrativa do analista na psicanálise contemporânea, vêm se destacando para nós momentos de nosso trabalho interpretativo que unem elementos ou vivências, colocando lado a lado, diferenciando, discriminando e estabelecendo relações de sentido entre descargas sensoriais sem significado aparente, experiências traumáticas ainda não simbolizadas ou simplesmente aspectos cindidos do self, possibilitando o trabalho de narratividade e o nascimento do sujeito.

As conjunções narrativas se apresentam como elementos de ligação que participam das interpretações descritivas e das interpretações vitalizantes (Alvarez, 1994), possibilitando que um tecido simbólico venha a se constituir. Alvarez, em *O coração pensante* (2021), descreve o “vínculo conjuntivo” e a importância da partícula “e” em nossa linguagem: para ordenar palavras e ligá-las entre si com um “e” é preciso tolerar as lacunas, algo que fica momentaneamente em suspenso como uma promessa. É preciso que a pausa não signifique o fim do mundo para aquela pessoa. Há uma sintaxe no brincar mais arcaico, uma cadência e ritmo entre o ir e vir do objeto, entre ausência e presença, que auxiliam o bebê a introjetar um mundo humano dinâmico com objetos que se alternam, se juntam e podem ficar em primeiro e/ou em segundo plano.

O atendimento psicanalítico que se aventura por áreas de não-representação requer do analista uma receptividade a estados arcaicos de mente e uma disposição para acompanhar seus pacientes por sessões que podem ser constituídas por eventos fragmentados, aparentemente destituídos de sentido, com experiências de encontro que – ora positivas ora desafiadoras, com frustrações e desencontros – não parecem se ligar entre si. O analista precisa estar disponível para experimentar esses estados e não se apressar em promover integração de forma precoce. Mas, por outro lado, precisa procurar maneiras de promover a possibilidade de mudança, no sentido de criar alguma espécie de fresta em que possa surgir o novo.

Os primórdios da subjetivação

Alguns autores têm se debruçado sobre as primeiras trocas estabelecidas entre o bebê e a mãe, procurando compreender como ocorrem os processos de subjetivação.

Stern (1992) apontou que, antes das palavras, a narratividade se desenvolve pelas vias sensoriais e é fundada nas interações entre o bebê e seu entorno afetivo, pelos elementos da sensorialidade que são construídos já na vida intrauterina e se desenvolvem após o nascimento do bebê. Para esse autor, a dimensão da intensidade e do movimento dos afetos é importantíssima e compõe uma narratividade não verbal. A realidade psíquica do bebê pode ser decomposta em uma sucessão de unidades temporais elementares que são vivenciadas por ele de forma independente e com uma dinâmica própria, sendo que um envelope “protonarrativo” vai propiciar a unificação dessas experiências separadas.

Golse e Desjardins (2005) descrevem quatro níveis de narratividade: primeiro a narratividade sensorial, depois corporal, então a feita de imagens e, finalmente, a narratividade verbal. O primeiro nível, chamado de sensorial, tem a ver com poder ligar duas sensações entre si, formando uma “sintaxe sensorial dos bebês”: as pequenas marcas sensoriais ligadas entre si pela narratividade do adulto cuidador. O adulto possui as palavras e, na intersubjetividade, a narratividade verbal será construída em um circuito de troca de emoções entre o bebê e os adultos. Victor Guerra (2023) descreve indicadores que mostram como a repetição e o ritmo com

pequenas variações, incluindo turnos de presença e ausência, são fundamentais para que, ao longo do primeiro ano de vida, o bebê alcance a linguagem e a simbolização (Trevvarthen et al., 2019).

Esses desenvolvimentos aqui propostos trazem à clínica uma mudança na técnica, uma passagem da ênfase nos conteúdos para a ênfase na forma e na construção do continente – a linguagem passa a ter uma dimensão sensível, evocando a musicalidade/prosódia da língua materna e os mais diversos tipos de comunicação entre a criança e seus cuidadores, e entre a criança e o analista. E, nessas interações não verbais, “os afetos se desenvolvem em intensidade, criando uma narrativa composta de afetos, mas sem um fio condutor verbal” (Stern, 2004, p. 32). Essa narratividade estaria nos primórdios da subjetividade, iniciando o percurso subjetivo do bebê, por meio do que ele denomina de modalidades afetivas.

Nesse sentido, nossa clínica, diante de situações mentais deficitárias, deverá se apoiar nas conjunções narrativas para reconstituir tecidos esgarçados ou, até mesmo, formar tecidos ainda não constituídos.

A condição do autismo, que hoje compõe um espectro amplo de características clínicas, configura-se como muito complexa e de determinação multifatorial. Uma questão fundamental nesses quadros diz respeito às dificuldades no desenvolvimento sensorio motor e simbólico e, conseqüentemente, no desenvolvimento da intersubjetividade e da narratividade (sensorial e verbal) (Laurentino, comunicação pessoal, 2021; Muratori & Apicella, 2022).

Propomos que, a partir da relação analítica favorecida pelas conjunções narrativas, o trabalho analítico contribua para que o paciente integre elementos de ligação entre os fragmentos de vivências sensoriais ou sem sentido, tornando possível a narratividade. As vinhetas clínicas que se seguem procuram ilustrar esse trabalho das conjunções narrativas possibilitando a constituição de um tecido simbólico.

Maria

Maria chegou ao consultório aos 2 anos de idade, com sinais de risco de um transtorno do espectro autista. Era uma criança cativante e, ao mesmo tempo, “custosa”, pois queria tudo do seu jeito e necessitava de uma previsibilidade que a acalmasse. Sempre foi bastante falante: seu vocabulário se ampliava, mas parecia usar as palavras e frases mais como forma de controle e de prazer sensorial (pelo som e pelo ritmo) que como forma de comunicação. Embora fosse muito mandona, sua fala era muito colada ao outro e desconectada do lugar de sujeito – raramente usava o pronome “eu”, e referia-se a si mesma na segunda pessoa, como em “você quer um chocolate?”, quando quem queria era ela mesma. Gostava muito de cantar e fazer duetos, mas que fossem previsíveis: ela inventava e comandava o curso da canção, e se aborrecia quando a analista tentava introduzir novidades.

Ela costumava comparecer à análise feliz e parecia disponível ao contato. Mas, em algumas sessões, ao avistar a analista, parecia “tomar um choque”, começava a

chorar e a dizer: “não qué o Dino, não qué!”. O Dino, um dinossauro, era um importante brinquedo de sua caixa e tinha sido o personagem eleito para brincadeiras de pega-pega – “o Dino vai pegar a Maria!”, “vai pegar a barriguinha, o nariz da Maria, e vai me pegar!” –, tudo envolto em muitas risadas.

Nessas sessões em que empacava, ela fincava os pés no meio do caminho, na sala que fica entre a espera (antessala) e a sala de análise, no espaço entre o fora e o dentro. Em outras sessões, entrava na sala, onde eram vividos vários eventos, como olhar pela janela e apreciar, com a analista, as idas e vindas dos carros, andar pela sala, mexer na gaveta de brinquedos (caixa) e levar o carro para lá e para cá, colocando a família para passear. Mas, após minutos da sessão, voltava à antessala e novamente dizia chorosa: “num qué bincá! Num qué bincá!”. Maria parecia ficar presa na sala “transitiva”, sala de ligação (ou de ruptura?) entre o fora e o dentro, assim como às vezes empacava no elevador, na catraca, para descer do carro ou subir nele, o que parecia expressar uma dificuldade especial para operar com os elementos de ligação entre vivências e entre as diversas partes do mundo, das relações e de si mesma, tanto espacial quanto temporal e emocionalmente.

Alvarez (2021) discorre a respeito de um déficit na sensação interna de ordem e sequência ordinal ligado à incapacidade de tolerar a espera e a alternância entre presença e ausência: Maria parecia buscar desesperadamente o caminho entre os eventos e as pessoas, ficando presa nesse percurso.

Quando Maria permaneceu empacada na antessala, a analista, baseada na experiência contratransferencial de quebra da sessão e quebra do brincar, buscou formas de ligação entre o fora e o dentro, e resolveu empurrar a cadeira com rodinhas, de onde Maria não queria sair. Empurrou a cadeira dizendo: “lá vai o uber que leva a Maria para os lugares, bi-bi, fom-fom, lá vai”. A princípio, Maria resistiu e não deixou a cadeira avançar pela porta (ela colocou o pezinho na parede, segurando a cadeira). A cadeira deu mais uma volta pela antessala, a analista foi empurrando em direção à sala de análise e disse: “e lá vamos nós, lá vamos, vamos comer macarrão, macarrão com molho” (uma brincadeira de Lego conhecida da dupla), ao que então conseguiu avançar pela porta e voltar à sala de análise.

Essa descrição ilustra como a analista dramatizou com Maria a história dessa análise, o que favoreceu a conexão com a brincadeira, expandindo o brincar da dupla. A “cadeira-uber” fez as vezes de conjunção narrativa, elemento de ligação entre espaço e tempo; a narração da analista e o “lá vamos nós!” também tiveram essa função, juntamente com a evocação da brincadeira que já fazia parte do vocabulário da dupla (fazer macarrão de Lego).

Na sequência dessa dramatização, Maria foi se acalmando, buscou pela analista, por seu colo, e se abandonou. Ao se encostar no corpo da analista, Maria pareceu se esparramar, o que levantou ponderações sobre o que é o negativo da experiência de continente. Isso parecia ilustrar uma transição entre um processo de desmantelamento da experiência, uma dificuldade de manter firme seu corpo e sua mente e,

assim, manter firmes os pontos de ligação e articulação do mundo e de si, mostrando a microscopia da construção de um continente confiável.

Nesse momento, analista e paciente estavam a caminho da conjunção possível, estavam amalgamadas. A conjunção pressupõe, portanto, um esboço de condição de separabilidade entre sujeito e objeto, o que evoca o conceito de cesura de Bion: descontinuidade e continuidade ao mesmo tempo.

O trabalho analítico com Maria buscava estabelecer trocas emocionais e construir com ela o espaço de intersubjetividade, no qual a narratividade pudesse surgir em seus diferentes níveis. A narratividade pressupõe elementos de ligação: sejam sensações, afetos em sua intensidade, emoções e a linguagem verbal. Maria, quando brincou com o carro no qual colocava a família, deteve-se especialmente nos caminhos de lugares que frequentava: o supermercado, as suas terapeutas, a escola – a brincadeira, de caráter bem primário (uma repetição de cenas vividas), se passava no “entre”. A analista a acompanhou, ajudou a mover o carro e foi narrando a história: “ah, a família hoje vai até o mercado, e vrum-vrum, bi-bi – huumm, vamos comprar bolacha? E vamos comprar tomate? E Maria vai bem juntinho da mamãe, do papai e da irmã...”.

Algumas exclamações espontâneas que a analista foi criando nessa relação analítica se tornaram jargões, repetidos prazerosamente, por meio dos quais Maria chamava a sua atenção e a convocava para um dueto. Por exemplo, uma vez ela pediu massinha, e a analista a ajudou a procurar em sua caixa lúdica. Ela então pegou a massinha e a colocou na boca, ao que a analista disse: “uai, mas massinha não é de comer, é de brincar”.

Na sessão seguinte, certa hora, Maria disse: “qué massinha? Tem massinha?”. E ela mesma respondeu: “uai!”, e olhou a analista enquanto repetia, “uai!”.

Ao entender, a analista repetiu com bastante ênfase: “uai! Não é de...”, e ela: “comer!”.

A: É de...

M: Bincá!

Ao repetir a interjeição, Maria manteve em mente a experiência do encontro analítico e, ao mesmo tempo, construiu com a analista um repertório comum. A cena, que começou com o “uai” em uma entonação bem particular, se repetiu por várias e várias sessões. É interessante que convocava ao contato e, ao mesmo tempo, foi se tornando uma repetição que podia impedir o contato. Mas queremos destacar que a interjeição compartilhava uma emoção prazerosa e era guardada na sua mente, propiciando conexões entre ela e a analista, e integrações no brincar.

As interjeições aqui têm a função de reclamação/convocação para o vínculo, e de conjunções que promovem integrações. Os níveis sensorial, corporal e verbal de narratividade se sucedem e se superpõem, envolvendo a dupla em um tecido feito com sons, conjunções, interjeições, ações e afetos, tudo envolto na prosódia e na musicalidade.

Beto

Quando iniciou sua análise, Beto estava com quase 2 anos e vivia uma depressão primária, com muitos indicadores de risco de autismo (Silva, 2013a; Silva & Batistelli, 2018). Considerando toda a riqueza das intervenções iniciais realizadas com essa família, e apesar dos elementos descritos, Beto apresentava-se com muitas portas abertas para se beneficiar de um trabalho analítico. Descrevemos aqui uma sessão em que as conjunções narrativas favoreceram o encontro emocional com vivências de um tempo sem palavras.

Beto, como de costume, chegou correndo e entusiasmado para nosso encontro. Foi direto para a casinha e pegou os bebês, assim como outros bichinhos ou os filhos da casinha. Todos subiam as escadas e caíam, ora do telhado, ora do segundo andar, ora do terraço. Tudo se desmantelava como expressão de seu sofrimento psíquico. Durante esses movimentos, a analista foi narrando de uma forma muito simples, pausada e em turnos, acompanhada das conjunções narrativas.

Ao longo da sessão, foi oferecendo um amálgama para suas experiências de desmantelamento: “sobe... e sobe...” – ora o bebê, ora o gatinho, ora o menino – “e tibumba... ahhhh, caiu...”. Depois tudo se repetia, e a analista, diante de cada degrau da escada, narrava com certo tom de suspense: “sobe... e sobe... 1 e 2 e 4 e 5 e...”. Por vezes, ele repetia um som semelhante ao dos números e, quando o brinquedo caía, ela dizia: “e tibumba... ahhh, caiu...” (Silva, 2020).

Assim, a analista foi oferecendo interpretações onomatopeicas, pequenas palavras que falam de ansiedades muito primitivas (quebra, rasgamento, queda, explosão, afogamento, desaparecimento...), como uma criação intermediária entre o som e a palavra (Prat, 2021). Dessa forma, a análise foi construindo um ambiente continente que não pôde se constituir lá no início.

Em um dado momento, Beto se deteve nos bebês e repetidamente deixava-os cair da casinha. Cada um dos bebês subia pausadamente os degraus da escada e do segundo andar o bebê caía... [Parece que Beto usufruía do suspense construído na brincadeira de subir e cair, com certa capacidade de tolerar o suspense.] Então, [a analista] narrava novamente: “o bebê está subindo a escada, 1, 2, 3, 4, 5... subiu e, tibumba, caiu. Ahhhhh, caiu. Fez dodói? Deixa eu cuidar do bebê”. Enquanto cuidava cantando cantigas de ninar, ele repetia o mesmo movimento com o outro bebê da casinha. Ele olhava para [a analista] e pegava da [sua] mão o bebê que [ela] estava ninando, [e ela] o devolvia, para tudo se repetir. (Silva, 2020, p. 154)

Dessa forma, a analista inventava uma forma de se comunicar com Beto (Silva, 2015, 2017), adaptando-se ao seu próprio modo de expressão e funcionamento psíquico, usando as suas próprias modalidades de simbolização, de tal forma que ele pudesse absorver algo mais familiar. Utilizando as conjunções narrativas, buscava um lugar intermediário entre a representação de palavra e a representação de coisa, porque o som da palavra criada, imitando o da coisa, permitiria uma experiência de

compartilhamento, criando uma função continente que abriria a possibilidade para um espaço tridimensional.

Depois [a analista propôs] uma variação. A cada vez que [pegava] o bebê em [sua] mão e o acariciava, [ela] cantava “Se essa rua fosse minha”, da qual, curiosamente, uma das estrofes fala da solidão (“Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhantes, para o meu amor passar. Nessa rua tem um bosque, que se chama solidão, dentro dele mora um anjo, que roubou meu coração”).

...

Então [a analista passou] a chamar o bebê de Beto, e, a cada cena que se repetia, dizia: “Ahhh, o Beto caiu, vem cá, Beto (pegando o bebê [na] mão), *eu vou cuidar de você...* ahhh, você caiu... Sabe, Beto, a Cecília está aqui e vai cuidar de você, não vou deixar você sozinho...” E também [cantou] as músicas para embalar esse bebê que a todo momento desmoronava da casinha. Ele olhou para [a analista] com aquela sensação de ter realizado uma experiência emocional de um tempo sem palavras. A cena se repetiu mais duas vezes, e então ele novamente olhou para [ela] e se aproximou. Ele [a] abraçou e se aconchegou em [seu] colo. Com Beto aconchegado... [ela se emocionou] ao [se] aproximar e nomear vivências tão primitivas e, ao mesmo tempo, ao imaginar a possibilidade de que ele venha a descobrir um mundo novo, depois do encontro emocional com um objeto vivo e continente. (Silva, 2020, p. 154)

Assim, a partir dessa sequência progressiva de intervenções acompanhadas de conjunções narrativas, foi possível algum acesso à experiência de angústia primitiva, ligando o cair ao sentimento de se sentir abandonado: Beto era o bebê que caía, que a analista precisava ajudar por meio de uma reconstrução histórica, colocando-o em contato com o abandono experimentado lá no início de sua vida (Roussillon, 2015; Silva, 2016; Zornig, 2015).

O jogo de se aproximar, os jogos sequenciais cheios de suspense e, com certeza, as cantigas de ninar e protoconversas podem fornecer modelos para o objeto modulador que tem uma forma dinâmica mutante no tempo, mas ainda não é realmente ausente, apenas mais ou menos ao alcance. (Alvarez, 2021, p. 121)

Joaquim

Joaquim é um garoto bonito, sedutor e cativante, chegou à análise com 7 anos, encaminhado pela escola, num estado muito perturbado e imaturo. Apresentava dificuldades pedagógicas e comportamentais: não se concentrava, atrapalhando o funcionamento da sala de aula e criando confusão com os amigos, perdendo, muitas vezes, a parte mais “legal” da atividade.

Aos 2 anos, ele esteve envolvido em um acidente grave em que ficou várias horas sozinho, sem nenhuma pessoa de referência. Essa situação angustiou seus pais, especialmente sua mãe, por não estar com ele nessa hora. Podemos pensar que a dificuldade de uma criança de 2 anos para dar representação a uma experiência traumática como essa, unida ao sentimento de culpa dos pais que obstaculizava a

possibilidade de continência, provavelmente desencadearam em Joaquim as vivências de “brancos ou ocos” que ele descreverá durante a análise.

Relatamos uma experiência com Joaquim em que as conjunções narrativas permitiram que ele pudesse viver uma experiência de integração e intimidade emocional (baseado no relato publicado por Silva, 2012, pp. 512-513).

Na quarta sessão da semana, Joaquim chegou todo feliz porque iria ao jogo de futebol com seu melhor amigo. Joaquim propôs montar o quebra-cabeça do Batman que ele havia trazido de casa na sessão anterior. Ao terminar, descobriu-se que faltavam duas peças. O que fazer com os vazios? Ele e analista decidiram que preencheriam com peças feitas de papel sulfite. A função de unir as peças, representadas por meio do papel sulfite, também fez o papel de uma conjunção que promovia a integração do quebra-cabeça, juntamente com a reparação interna. Joaquim ficou muito satisfeito com a possibilidade de preencher aqueles espaços, de *reparar* seu jogo.

As sessões da semana tinham corrido com muitas oscilações e quebras de contato emocional. Parecia que havia algo desconectado, e não era a primeira vez que a analista experimentava esses sentimentos contratransferenciais. Era como se essa análise tivesse vários anéis sem ligação. Aquelas peças que faltavam no quebra-cabeça também lhe lembravam um continente defeituoso, esburacado, e logo associou com a situação traumática que Joaquim vivera. Imaginou aquelas peças como brancos ou ocos de representação, o trauma não representável (Silva, 2003, 2007). Diante dessa experiência emocional, quase ao final da sessão, a analista propôs uma construção narrativa (Silva, 2012) daquela semana. Quem sabe assim também pudesse elaborar essa vivência que ecoava nela e vinha se repetindo nessa análise.

Então, pegou uma folha de sulfite e disse que queria lhe contar uma história. Como em uma história em quadrinhos, começou a desenhar a narrativa da semana. Fez um quadradinho e disse que ele na segunda-feira, primeira sessão da semana, tinha chegado muito triste e desapontado, porque só tinha tirado notas baixas no boletim, contrariando todas as suas expectativas e, em especial, as de seu pai, que não aceitaria essas notas.

E você estava com muito medo de seu pai. Sua tristeza era tanta que naquele dia você só quis fazer sua lição de casa junto comigo e mais nada. Eu fiquei ao seu lado, mas você estava todo partido por dentro.

Joaquim a acompanhou olhando em seus olhos e vendo o que desenhava: várias linhas, como se fosse um vidro estilhaçado.

A analista fez um segundo quadrado ao lado desse e continuou a narrativa:

Na terça-feira, você chegou com uma bola e, no início, você começou a jogá-la sozinho. Você ainda estava muito desapontado e não queria muito papo comigo. Só queria me mostrar todas as suas habilidades com a bola, você não queria me dar bola. No final da

sessão, você me convidou para duas brincadeiras com a bola, lembra? Então parece que aquela tristeza da segunda-feira passou para o pé na terça-feira.

E desenhou um pé com uma bola nesse quadradinho.

Na quarta-feira, você trouxe esse quebra-cabeça do Batman, separou as peças laterais, e começamos juntos a montá-lo. Tudo o que estava desmontado começou a se juntar, você foi ficando satisfeito a cada peça que uníamos.

Desenhou o terceiro quadradinho com a máscara do Batman.

E hoje, você chegou feliz com o jogo do seu time, nós terminamos de montar o quebra-cabeça e, depois de tudo montado, nós começamos a preencher o que estava faltando.

Joaquim, então, desenhou o último quadradinho com a peça em branco e, ao lado de tudo, a analista desenhou um Joaquim com a camisa do time e intitulou a narrativa de “A conquista de Batman-Joaquim”.

Figura 1 – “A conquista de Batman-Joaquim”



Fonte: acervo da autora Maria Cecília Pereira da Silva.

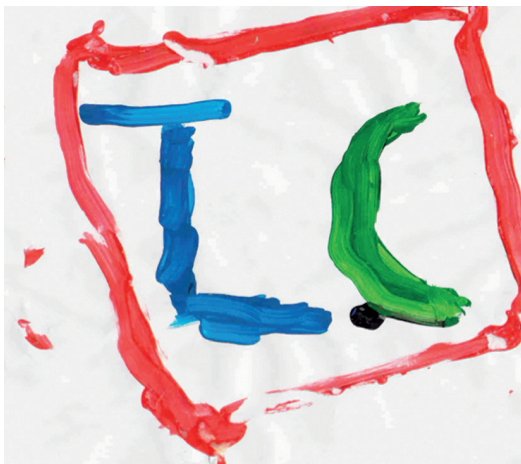
Imediatamente após o final da narrativa, Joaquim pegou uma folha de sulfite, recortou-a do tamanho do fundo da tampa da caixa do quebra-cabeça e a inseriu lá. Pegou as tintas e o pincel, e começou a desenhar algo com tinta azul. Pediu que a analista fechasse os olhos e lhe perguntou de que cor mais gostava. Disse que era azul (como ele), e ele lhe pediu que escolhesse outra cor, entre verde, amarelo ou vermelho. Escolheu a verde. Passados alguns minutos, ele a chamou para ver.

A analista ficou surpresa ao ver que Joaquim havia escrito a letra J em azul e a letra C em verde, dentro de um quadrado vermelho, dentro da tampa da caixa, que também era quadrada. Ele disse: “É o J do meu nome e o C do seu”.

Ela lhe disse que ele completou a narrativa que ela tinha iniciado. Ele tinha encontrado ali com ela um lugar para construir uma história, e com aquele desenho ele lhe contava que a sentia perto dele para essa tarefa.

Com esse continente para dois, “JC”, Joaquim lhe mostrava a expressão de um self acompanhado de um objeto distinto dele, contido num continente, com um dentro e um fora. Ele começava a criar um interior com um conteúdo representacional compartilhado. Mas, fundamentalmente, essa intervenção conjuntiva permitiu que ambos pudessem ligar o contato com seu mundo interno e ir tecendo um continente. Estavam reconstituindo seu tecido psíquico, certamente esgarçado pela situação traumática.

Figura 2 – “JC”, desenho de Joaquim



Fonte: acervo da autora Maria Cecília Pereira da Silva.

A reconstrução da narrativa das sessões da semana funcionou como conjunções que ligaram elementos cindidos, integrando-os, de forma que Joaquim e analista puderam esboçar o sentido dos brancos ou ocos de representação, o trauma não representável, aqueles traumas decorrentes de um continente defeituoso. Agora havia um esboço de introjeção de um objeto analítico, em que ele contava com a analista diferenciada dele: eram dois nesse continente.

Conclusões

Necessitamos mais de arte lenta: arte que conserve o tempo, como vaso conserva água... uma série de marcas de pincel numa gola de renda, em um Velásquez, pode ser tão radical quanto o tubarão que um australiano capturou... há alguns anos e está agora se desintegrando sombriamente em seu tanque, do outro lado do Tâmesa. Mais radical, realmente. (Hughes, 2004, citado por Alvarez, 2021, pp. 46-47)

As conjunções narrativas funcionam como as pinceladas mínimas de Velásquez. Elas podem ser fundamentais para pacientes que estão profundamente imersos em seus estados autísticos ou na posição esquizoparanoide, que com nossa ajuda podem desenvolver a função alfa e a possibilidade de integrar os diversos elementos cindidos.

Propomos que as conjunções narrativas são interpretações preparatórias, importantes quando não é possível pensar em dois trilhos (Bruner, 1968), quando dois pensamentos são difíceis de tolerar, contribuindo para a sua integração e, à maneira

da função alfa, tornando-os pensáveis e com significado. Para que esse trabalho seja possível e as conjunções sejam evocadas, a capacidade de continência do analista é muito necessária, assim como a sua melodia e a sua gramática na comunicação das emoções. Não se trata de ligar as dificuldades atuais com os fatos do passado, mas, sim, ligar cenas e experiências do aqui e agora do encontro analítico, possibilitando assim a criação de um continente na forma de um envelope psíquico que possa abrigar os pensamentos, ou seja, propiciar o nascimento do psiquismo.

Nas situações clínicas apresentadas, mostramos a importância da presença viva e expressiva do analista, e o quanto os elementos de ligação da linguagem podem ser importantes nessas situações: interjeições, onomatopeias, conjunções, acompanhadas de musicalidade e entonação afetiva. São situações clínicas que requerem uma sintonia muito fina e delicada com estados de mente arcaicos, sintonia essa que pode possibilitar uma narratividade aquém das palavras, também em um nível sensorial. Ao narrar os eventos da sessão, experiências positivas e negativas desmanteladas, construímos um envelope psíquico por meio das protonarrações e favorecemos a integração dos diversos sentidos expressos por meio de descargas sensoriais.

As conjunções narrativas conectam experiências sensoriais sem significado e, em situações mais neuróticas, integram experiências emocionais escondidas, favorecendo a integração e a capacidade de sonhar. Podemos pensar que, para alcançar a capacidade narrativa, é necessário juntar e adicionar pequenos pedacinhos de cenas ou movimentos sensoriais, não verbais, ou mesmo comunicações dispersas, para chegar à narratividade e favorecer o processo de subjetivação. Como diz Alvarez (2021), “o ‘e’ é provocador – um vínculo humano livre e divertido” (p. 116).

Conjunciones narrativas en la clínica psicoanalítica

Resumen: Partiendo de las ideas de Anne Alvarez y de los cambios técnicos surgidos tras su trabajo, las autoras proponen conjunciones narrativas: intervenciones que funcionan como pinceladas mínimas pero importantes, capaces de conectar elementos sueltos o fragmentados de la sesión de análisis, como recurso técnico para la construcción de interpretaciones para pacientes con déficits del desarrollo o en estados emocionales precarios. Los estudios de los teóricos del desarrollo y del psicoanálisis sentaron las bases para afirmar la importancia de la función narrativa en la constitución de la intersubjetividad y en la práctica clínica psicoanalítica, especialmente en situaciones aún no representadas y de difícil acceso. Se presentan tres ejemplos clínicos para ilustrar lo que aquí se propone como conjunciones narrativas.

Palabras clave: psicoanálisis infantil, narración, autismo, simbolización, estados mentales arcaicos

Narrative conjunctions in the psychoanalytic clinic

Abstract: Drawing on the ideas of Anne Alvarez and the technical shifts that emerged following her work, the authors propose the notion of narrative conjunctions—interventions that function as subtle yet essential “brushstrokes,” capable of linking fragmented and/or split elements within the analytic session. These are suggested as a technique to support interpretative work with patients who present developmental deficits or are in fragile emotional states. Research from developmental and psychoanalytic theorists has paved the way for recognizing the narrative function as central to the formation of intersubjectivity and to psychoanalytic practice, particularly in cases involving experiences that remain unrepresented and are difficult to access. Three clinical examples are presented to illustrate the proposed notion of narrative conjunctions.

Keywords: child psychoanalysis, narration, autism, symbolization, archaic mental states

Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças com autismo, borderline, carentes e maltratadas*. Artes Médicas.
- Alvarez, A. (1996). Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas borderline. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(1), 35-46.
- Alvarez, A. (2012). Níveis de trabalho analítico e níveis de patologia: o trabalho de calibragem. *Livro Anual de Psicanálise*, 26, 173-190.
- Alvarez, A. (2021). *O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. Blucher.
- Baranger, M., & Baranger, W. (2010). A situação analítica como um campo dinâmico. *Livro Anual de Psicanálise*, 24, 187-214. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bruner, J. S. (1968). *Processes of cognitive growth: infancy*. Worcester: Clark University Press.
- Golse, B., & Desjardins, V. (2005). Corpos, formas e ritmo como precursores da emergência da intersubjetividade e da palavra no bebê. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(1), 14-29. <https://doi.org/10.1590/1415-47142005001003>
- Guerra, V. (2022). *Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação*. Blucher.
- Muratori, F., & Apicella, F. (2022). Being born autistic and the forming of the interpersonal world. *Psychoanalytic Inquiry*, 42(1), 6-22. <https://doi.org/10.1080/07351690.2022.2007019>
- Prat, R. (2021). Ações interpretativas na clínica com crianças. In M. C. P. Silva (Org.), *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares: pensando a clínica da primeira infância* (Vol. 1, pp. 229-270). Blucher.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 33-46. <http://bit.ly/4kBk8Fa>
- Silva, M. C. P. (2007). Identificação mórbida: comunicação transgeracional traumatizante. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 14(1), 137-165. <http://bit.ly/3lvC1aM>
- Silva, M. C. P. (2012). Construção narrativa: o processo interpretativo diante de uma situação traumática. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(3), 505-518. <http://bit.ly/45SY455>

- Silva, M. C. P. (2013a). Indicadores de risco psíquico e do desenvolvimento infantil: avaliação e intervenção nas relações iniciais pais-bebê. In M. B. Morais, S. O. Campos, & M. O. E. Hilário (Eds.), *Pediatria: diagnóstico e tratamento* (pp. 105-110). EPM; Unifesp; FapUnifesp; Manole.
- Silva, M. C. P. (2013b). Uma paixão entre duas mentes: a função narrativa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(4), 69-79. <http://bit.ly/3le5sy9>
- Silva, M. C. P. (2015). Una pasión entre dos mentes: la función narrativa. *Psicoanálisis*, 37(1), 111-127. <http://bit.ly/3Gdjsrr>
- Silva, M. C. P. (2016). The analyst's narrative function: inventing a possibility. *The International Journal of Psychoanalysis*, 98(1), 21-38. <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12562>
- Silva, M. C. P. (2017). A caixa lúdica do analista: uma reflexão sobre as mudanças na teoria da técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 71-88. <http://bit.ly/4nCtN0K>
- Silva, M. C. P. (2020). Só... Solidão: fronteiras entre a curva e a reta. *Jornal de Psicanálise*, 53(99), 137-160. <http://bit.ly/3GftTe2>
- Silva, M. C. P., & Batistelli, F. M. V. (2018). Intervenção nas relações iniciais pais e filhos: o susto diante do diagnóstico de autismo. In D. B. Wanderley & M. L. Gille (Orgs.), *É tarde! É tarde? A intervenção a tempo em bebês com risco de evolução autística* (pp. 279-291). Ágalma.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Artes Médicas.
- Stern, D. (2004). *The present moment in psychotherapy and everyday life*. W. W. Norton & Company.
- Trevarthen, C., Aitken, K. J., & Gratier, M. (2019). *O bebê nosso professor*. Editora Language.
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Artes Médicas.
- Viana, G. (2022, 12 de fevereiro). Conjuração. In *Português*. <http://bit.ly/4nS5fB8>
- Zornig, S. M. A.-J. (2015). Clínica dos primórdios e processos de simbolização primários. *Psicologia Clínica*, 27(2), 121-136. <http://bit.ly/46wR9P7>

Maria Cecília Pereira da Silva

Endereço: Rua Plínio de Moraes, 71. São Paulo/SP.
 CEP: 01252-030
 Tel.: (11) 98182-3897
 E-mail: mcpsilv@gmail.com

Josimara Magro Fernandez de Souza

Endereço: Rua Milton José Robusti, 75, sala 602. Ribeirão Preto/SP.
 CEP: 14021-613
 Tel.: (16) 99258-2200
 E-mail: josimfs@gmail.com

Editora responsável pelo artigo: Cristiane Reberte de Marque